

Uma leitura do estranho em “The fifty-ninth bear”, de Sylvia Plath



Mariana Chaves Petersen

Graduanda em Letras (UFRGS), PIBIC CNPq-UFRGS do projeto “O Imaginário das Ilhas Britânicas”, orientada pela Profa. Dra. Sandra Sirangelo Maggio



Objetivos & metodologia.

Este trabalho analisa os elementos que contribuem para o caráter estranho do conto “The fifty-ninth bear” (1959), de Sylvia Plath, publicado postumamente, em 1977, na recolha de contos, ensaios e excertos de diários *Johnny Panic and the bible of dreams*. Para isso, discute Todorov (1970), Freud (1919), De Lauretis (1994) e Britzolakis (1999), relacionando o conto ao estranho de Todorov, ao *Unheimlich* freudiano, à Mulher de De Lauretis (1994) e ao ideal de “casamento criativo”, observado por Britzolakis na obra de Plath.

Resultados & conclusões.

“The fifty-ninth bear”, conto que pode ser definido como estranho-fantástico, traz uma explicação sobrenatural apenas em seu desfecho. Antes disso, a história é permeada pelo estranho, conforme definido por Todorov (1970): as leis da natureza permanecem intactas, mas os acontecimentos são, de alguma forma, insólitos. O animal selvagem, as previsões de Norton, a omissão de Sadie pelo narrador e o retorno do recalcado por ela em relação a seu marido podem ser aproximados do estranho *Unheimlich* de Freud (1919), assim como a repetição do mesmo número (cinquenta e nove) e a estratégia de manter o leitor na incerteza até o final da narrativa. Além disso, o uso de posições supostamente inerentes ao feminino – que podem ser relacionadas à “Mulher” de De Lauretis (1994) – cria um ambiente essencialmente opressivo ao masculino. Dessa forma, posições que se opõem às “mulheres” engendradas pelas tecnologias de gênero de De Lauretis (1994) – às mulheres “reais”, seres históricos e sujeitos sociais, como a própria Plath –, causam estranhamento. O fato de algumas dessas posições essenciais serem provadas verdadeiras no conto leva não só à vingança de Sadie como também a questionamentos acerca do ser “Mulher”, enquanto uma suposta essência inerente a todas elas. Por fim, essa vingança rompe de forma sombria com o ideal do “casamento criativo”, que Britzolakis (1999) observa na obra e nos diários de Plath. Nesse sentido, “The fifty-ninth bear” relaciona-se com outro conto da autora, “The wishing box”, além de trazer referências à sua própria experiência.

REFERÊNCIAS

BRITZOLAKIS, Christina. *Sylvia Plath and the theatre of mourning*. New York: Oxford University Press, 1999.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp. 206-42.

FREUD, Sigmund. O estranho (1919). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Volume XVII), pp. 233-74.

PLATH, Sylvia. *Johnny Panic and the bible of dreams*. New York: Harper Perennial, 2008.

TODOROV, Tzvetan. A narrativa fantástica. In: _____. *As estruturas narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970, pp. 147-66.



McKENZIE, Donna. *A Bear in Our Garden*. Disponível em:

http://img1.etsystatic.com/000/0/5562913/il_fullxfull.159874953.jpg?ref=12. Acesso em: 24 Abr. 2014.

